

Latinos se unem para reduzir dívida

por José Casado
de Punta del Este

Está nascendo o "Clube do Rio", uma instituição composta por ministros que operam as finanças das sete maiores nações da América Latina. Deverá ter esse nome, prevê o seu secretário-geral designado, Mailson da Nóbrega, ministro da Fazenda do Brasil, porque sua primeira reunião está marcada para o começo de dezembro no Rio de Janeiro.

Além disso, porque reúne governos que são alguns dos maiores devedores do mundo, com débitos acumulados e não pagos de mais de US\$ 350 bilhões — o que lhe dá a característica de uma contrafação do "Clube de Paris", uma instituição de ministros das Finanças dos países mais industrializados do planeta, principais credores da América Latina.

A iniciativa é dos presidentes José Sarney (Brasil), Raúl Alfonsín (Argentina), Alan García (Peru), Julio Sanguinetti (Uruguai), Miguel de la Madrid (México), Virgilio Barco (Colômbia) e Jaime Lusinchi (Venezuela).

Na sexta-feira, em Punta del Este, eles decidiram que seus governos devem formular uma proposta conjunta aos países credores e instituições financeiras internacionais para redução do "estoque" de suas dívidas externas ou das taxas de juros e o restabelecimento dos fluxos de financiamentos para a região.

Significa, na prática, que

pela primeira vez as nações devedoras formularão um plano conjunto para tentar resolver a crise da dívida externa que enfrentam. E não será algo como uma "carta de princípios", como as que têm caracterizado as frequentes ações desses líderes latino-americanos, nos últimos três anos.

"Vai ser um plano mesmo, detalhado a nível técnico e financeiro, que estabeleça, um objetivo comum", informa o ministro da Fazenda brasileiro.

Nesta semana, técnicos dos sete países iniciam a discussão com base nas diretrizes políticas expressas no comunicado conjunto dos presidentes, redigido no final da semana passada. Nos primeiros dias de dezembro, acrescenta o chanceler Abreu Sodré, os ministros encarregados das finanças acertam a base da proposta comum. A seguir negocia-se, em diferentes instâncias.

Já houve o "Plano Baker", formulado pelo ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, há o "Plano Mitterrand", que o presidente francês, François Mitterrand, apresentou recentemente à Assembleia da Organização das Nações Unidas. Vem aí o plano dos devedores, ou do "Clube do Rio".

Há pressa. Cinco dos sete presidentes que estiveram em Punta del Este, na semana passada, já estarão longe do poder quando começar 1990, e devem passar o próximo ano sob uma chuva de críticas de seus



Mailson da Nóbrega

adversários, nos palanques das eleições presidenciais, por que a inflação cresce no Brasil, Peru e Uruguai, a recessão avança na Colômbia e Venezuela, o desemprego inquieta no México e os investimentos não acontecem na Argentina. E o custo da dívida.

"A América passa por um processo de regressão", constata José Sarney, "a indagação a fazer é esta: onde, como e porque o continente está atravessando uma situação desastrosa, mergulhado no narcotráfico, na guerrilha, nas fórmulas populistas primárias, cercado pelo protecionismo atacado pelos baixos preços das matérias-primas e, ao mesmo tempo, não conseguimos, internamente, uma integração maior".

Transferir US\$ 40 bilhões ao ano, em média, como tem ocorrido nesta segunda metade da década tem "aprofundado a brecha"

entre os latinos e as nações industrializadas "e isso é insuportável", nota Raúl Alfonsín.

A única alternativa viável, acha Julio Sanguinetti, "é propiciar um novo diálogo". A leitura disso, sintetiza Alan García, deve ser a de que "não há por que conversar com organismos multilaterais, como por exemplo o Fundo Monetário Internacional (FMI), sem antes falar com o governo dos Estados Unidos, que é quem controla a maioria dos votos nessas instituições.

Chegou-se ao consenso de que "não há estabilidade política sem o pré-requisito do desenvolvimento econômico", observa o ministro Mailson da Nóbrega. O "Clube do Rio", na expectativa dos presidentes, será o instrumento para abrir o caminho para esse "novo diálogo", como diz Sanguinetti, "o mais rápido possível".

No final da semana passada, em Punta del Este, acumulavam-se indícios de uma razoável receptividade do governo dos Estados Unidos a uma abertura para entendimento conjunto, antes mesmo do final deste ano. Sarney foi o portador das informações a respeito aos presidentes.

Sanguinetti confirmou-as com a embaixada norte-americana em Montevideo. Outros líderes, como François Mitterrand — que mandou uma carta dirigida a todos os líderes latino-americanos ali reunidos — e Mikhail Gorbachev — que enviou à cidade o seu em-

baixador no Uruguai, Igor Laptev —, deram mostras de apoio político.

Na vida real, o que se vai tentar será uma delicada operação política, até porque, explica Sarney, "nós nunca pensamos em uma posição de confrontação".

O caso brasileiro, indica o ministro Mailson da Nóbrega, "pode e deve ser tomado como exemplo daquilo que pretendemos: fizemos, primeiro, um acordo com o FMI, depois, um acordo com os credores privados, em seguida um acordo com o Clube de Paris; enfim, normalizamos nossas, relações internacionais, e, agora, queremos uma redução na dívida, seja no 'estoque' ou na taxa de juros, além, é claro, da retomada do fluxo de créditos".

As propostas que o "Clube do Rio" alinhará em dezembro, conforme o ministro da Fazenda, serão compatíveis "com o que instituições multilaterais e bancos privados, além de alguns centros acadêmicos internacionais, já estão discutindo". Todas, acrescenta, convergem para a redução real da dívida. As fórmulas é que têm nuances.

O ministro Nóbrega insiste: "A idéia não é um cartel de devedores, mas criar um marco de referência. O bilateralismo não será excluído, o que se deseja é que todos tenham um objetivo. O esquema operacional da redução da dívida será obtido por cooperação e não por confrontação. E todos os presidentes colocam o ajuste de suas econo-

mias como um dever do Estado, uma obrigação do governo."

O certo é que, em Punta del Este, criou-se um fato político novo e muito importante. Um "sindicato de presidentes", ironiza Raúl Alfonsín, que na sexta-feira última recebeu a confirmação de que o Banco Mundial — uma instituição multilateral com forte influência norte-americana — vai liberar para a Argentina, nos próximos dias, um empréstimo de US\$ 1,2 bilhão.

"O povo norte-americano deve saber que essa segurança que tanto pregam todos os candidatos (à Presidência dos Estados Unidos) depende, também, da solução dos problemas de recessão, da inflação, da marginalidade e da pobreza no nosso Continente", comenta Alan García, do Peru, um governante que começou seu mandato rompendo com o FMI e os credores estrangeiros, enfrenta um processo de hiperinflação, de descontrolada total da economia e, pelos indícios que deu em Punta del Este, começa a mudar sua posição política para uma gradual reaproximação dos Estados Unidos.

O resultado das eleições norte-americanas, em princípio de novembro, dará a medida das possibilidades de êxito desse "novo diálogo" com a parte latina do Continente. Por enquanto, os sinais são "construtivos", como dizia o presidente Sarney ao presidente uruguaio, Julio Sanguinetti, na sexta-feira, em Punta del Este.